

A ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

Anno VII. — N.º 4.

PARIS, 20 DE FEVEREIRO DE 1890
Escriptorios em Paris, 13, Quai Voltaire.

100 réis cada numero.



O CONFLICTO COM A INGLATERRA — A ESTATUA DE CAMILLE DESMOULLES EM PARIS



CHRONICA

A PATRIA

N'ESTE mesmo lugar, em 1886, contava eu nos meus leitores as impressões d'uma viagem que fizera a Portugal, depois d'uma ausencia de quatro annos em Paris.

Tinha ido muito novo para o estrangeiro, na idade em que todo o rapaz imagina que basta passar a fronteira, voltar as costas a Elvas ou a Marvão, para ser um grande homem. E eu ia para Paris!... Para o ponto do mundo onde todo o estrangeiro desejaria viver, viver até á morte; e deixar mesmo por lá os ossos, na esperança que a sombra do chorão na sepultura de Musset, tambem lhe conceda a camela de lhe cobrir uma parte da cova...

Tinha ido para Paris, n'aquella epocha em que os portuguezes parece que tinham vergonha de ser portuguezes; e em que os lisboetas consideravam como um desonro infame e um inferno sem treguas, viver n'uma linda cidade que o Tejo anima d'uma vida sem igual em toda a Europa...

N'esses tempos, o patriotismo era um archaismo ridiculo, uma palavra comica, que ninguem se atrevia a escrever ou a pronunciar sem provocar uma gargalhada.

O patriotismo era uma velharia apenas cultivada por uns velhos da associação Primeiro de Dezembro. E as gerações novas, essas famosas gerações saturadas d'um saio e infulto scepticismo, riam dos que tinham a coragem de ser patriotas — porque essas gerações não sabiam o que é arriscar a vida por uma ideia, ou mesmo riam dos que tinham a coragem de ser patriotas — porque essas gerações não sabiam

Tambem eu, levado na onda da geração nova, não me lembro de ter tido a coragem de dizer que andavam illudidos...

O que eu quizerá é que todos os novos patriotas da ultima hora tivessem a coragem de fazer o seu acto de contrição: — tivessem a coragem de dizer que andavam illudidos...

Em Paris, a minha primeira surpresa, foi ver na praça da Concordia a estatua de Strasburgo. E hoje que tambem o vejo á frente do movimento d'esta cidade franceza que hoje está nas mãos dos allemães — coberta de bandeiras tricolores, e que tambem o vejo empunhar uma bandeira de crepes e de corôas de perpetuas...

E todos os annos, por occasião do tenivel anniversario da occupação estrangeira, eu vi as novas bandeiras, novas corôas de perpetuas sobre a estatua de Strasburgo, em cujo pedestal se lê esta extraordinaria inscripção:

1870 — 1871

A reticencia, é o futuro... é a desforra... é a liberação da Alsacia e da Lorena! Quando?... Em 1871...

Quando?... Em 1871...

Quando?... Em 1871...

Quando?... Em 1871...

Quando?... Em 1871...

Uma noite entrei n'um theatro onde se representava uma peça patriótica, tão má como as que em Portugal setem escriptura acerca de 1640. E todo o publico, este publico parisiense que nós no estrangeiro imaginamos impressionar-se apenas com o gozo material da vida, que nós phantasiámos sceptico e traciato, — todo o publico, de pé, ouvia o hymno nacional, e todo o publico rompeu nos mais entusiasticos vivas á França, n'um impeto indisciplinado de satisfação e de orgulho, quando surgiu dos bastidores uma bandeira azul, branca e encarnada!

Nos jornaes, nas revistas e nos livros que se publicam em Paris, nunca encontrei uma phrase menos respeitosa para a dignidade nacional. A arte franceza é para os francezes a primeira arte do mundo, a litteratura a primeira de todas as litteraturas, a sciencia está acima de todas, a sua industria é a primeira de todas as industrias. O francez considera a França o unico paiz da Europa!

Que significa esta união de critica, esta solidiedade de ponto de vista, no terreno da dignidade nacional?... Que acima de todas as divergencias de partido, a patria é um patrimonio que se deve defender e fazer respeitar até á morte!

E então volvi os olhos para o meu paiz... E foi com tristeza que eu vi uma geração, uma sociedade inteira, confessar alegremente a decadencia da nossa patria, e rido-se nos espiritos que ousavam defender o nosso paiz, e collocar-o ao lado dos mais illustres pela sua historia, pelo seu passado, pelo contingente que elle deu para o conhecimento e civilização de novos mundos

Em 1886, depois de quatro annos d'ausencia de cada cidadão é um patriota, e ao entrar a barra do Tejo, á proporção que os meus olhos reconheciam os sitios onde outrora havia vivido e amado, sentia que os meus olhos se humedeciam de lagrimas...

Essas impressões deixei-as eu impressas n'uma chronica da illustração, com a sinceridade e com a franqueza com que costumo escrever, — não para lisonjear leitores, mas para satisfazer aos imperios do meu coração e da minha consciencia...

Pois essa chronica, porque era uma oração de irrevocancia, em que eu prova de grande independencia d'espirito considero os Lusos como a expressão da estúpida nacionalidade...

É um grande poeta, o poeta do scepticismo e do primato que n'um cavaco antigo me crivou de ironias e de facécias, por que eu ousei escrever que a alegria de me ver no meu paiz se havia traduzido em sinceras lagrimas, á proporção que o vapor em que eu vinha, avançava pelo Tejo acima!

É hoje que tambem o vejo á frente do movimento d'esta cidade franceza que hoje está nas mãos dos allemães — coberta de bandeiras tricolores, e que tambem o vejo empunhar uma bandeira de crepes e de corôas de perpetuas...

É hoje que tambem o vejo empunhar uma bandeira de crepes e de corôas de perpetuas...

É hoje que tambem o vejo empunhar uma bandeira de crepes e de corôas de perpetuas...

É hoje que tambem o vejo empunhar uma bandeira de crepes e de corôas de perpetuas...

É hoje que tambem o vejo empunhar uma bandeira de crepes e de corôas de perpetuas...

É hoje que tambem o vejo empunhar uma bandeira de crepes e de corôas de perpetuas...

É hoje que tambem o vejo empunhar uma bandeira de crepes e de corôas de perpetuas...

miguelista? nem socialista?... Não?... Então que diabo é o senhor?...

— Sou portuguez, amanto da minha patria!...

— Ora, meu amigo, rhetorica! O senhor vive na lua... Não nos serve!

Effectivamente, não servia, não convinha a nenhum partido politico, todo o individuo que apenas pensasse na sua fama no estrangeiro; todo o individuo que não tivesse a mais leve disposição para uma negociata com o Estado, ou para uma trica eleitoral.

Quem se occupasse de defender as artes, as industrias, a agricultura portugueza, o nosso engrandecimento colonial, a necessidade de reformar a instrução publica, era posto fatalmente á margem.

A vida da sociedade portugueza estava circumscripta a estes dois generos de actividade: — negociatas e machina eleitoral...

E foi por isso que a Inglaterra nos surpreendeu brutalmente, para nos roubar as nossas colonias!

E foi por isso, pelo desleixo e pela bambuchata em que vivemos ha vinte annos, pela ausencia de patriotas esclarecidos nas regiões do poder, que nós nos achamos na mais triste das anarchias, na mais dolorosa das situações, exaltados, perdidos, implorando com grandes berros a alliança com a Espanha e com a França!

Foram as negociatas e a machina eleitoral que nos levaram a este estado de anciedade, não sabendo nós mesmos o que n'este momento mais risco está correndo: — se as instituições, se a Patria!...

A situação actual é das mais graves e das mais solennes...

Não é agora o momento de fazer recriminações; nem de apontar a dedo á indignação publica, os homens ou os partidos que mais contribuíram para a nossa decadencia.

A triste verdade, é que todos são os responsáveis da actual situação, todos quantos pregaram optimismo, todos quantos pregaram anarchia, e todos quantos evitaram intervir nas questões publicas, abstando-se, enterrando-se n'um isolamento pessimista.

Porhamos de parte rivalidades, odios, antipathias, vaidades, orgulhos, tudo quanto separava e desmoralisava a familia portugueza.

O que é necessario pensar é que não morre uma nacionalidade como a nossa, e que um paiz que tem em Africa o prestigio que nós temos, e que conta tantos elementos de riqueza e de vida, não pode, não deve morrer!

Diz-se agora, que em Portugal o que falta é um Homem, uma cabeça para pensar e para dirigir; mas que esse homem desgraçadamente não existe...

Tenhamos confiança, porque esse homem ha de fatalmente apparecer. Se não é hoje que elle surge, é porque o Destino quer que nós ainda sofram os maiores provações...

Mas no dia em que realmente a Patria estiver em perigo, esse homem surgirá, producto d'uma revolta e d'um grato de socorro da alma portugueza, para nos dirigir, para nos governar:

Ou seja pela Razão.

Ou seja pela Força!

Nesse momento supremo e angustioso todos os portuguezes curvarão a cabeça, para obdecer. E a salvação da Patria que assim o exige!...

MARIANO PINA.

CHRONICA RIMADA

Eu tinha ha dias sonhado
— Os sonhos são illusões —
Ter o thesouro afamado
Do Monseiro dos milhões.

Sonhára ter equipagens
Dos mais roliços coxins,
Ter as ordens lindos pagens,
E no Tejo bergantins.

Virgens de pureza rara,
Com attestados civis,
Pela meu serviço mandára
Vir dos harens de Paris.

E quando estas descobriam
As fórmas correctas de amphora,
Teistes eunuchos sorviam
Grossas pitadas de camphora.

Minha triste moradia ☐ #
De pacato funcionario,
Tinha a riqueza, a alegria,
De Crésus — o millionario.

E eu tinha aces sobranceiros
Do Cesar, de Carlos quinto...

Tinha á porta alabardeiros
Da altura do Costa Pinto.

Sob o balcão rendilhado
Vinha cantar serenatas
Romeu, o bom namorado,
Com um cortejo de gatas.

E, do peitoril, a minha
Mão gentil e generosa,
Deitava a triste sardinha
Envolta em folhas de rosa.

Em S. Carlos ás artistas
Eu pagava meu tributo,
Dando, mas sem dar nas vistas,
Taças de Benevenuto.

E ás catins dançarinas
Que, por mim, formavam brigas,
Mandava, pobres meninas,
No Natal um par de ligas.

Doze Cupidos vestindo
Casaca azul e escarlate,
A scena iam conduzindo
Meu amor n'um açafate.

Dava ceias ruidosas
De iscas da rua das Pretas,
Assados de mariposas,
Saladas de violetas.

Quebradas, por fim, as taças
Sentava-se ao piano... Théis,
E dançavam as tres Graças
Co' as manas perliquités.

De feliz Sardapapalo
Era uma vida risonha...
Mãi coisas de que não fallo
Já agora... por vergonha.

Ninguém sonhára tamarita
Ventura, que eu hoje arranco...

Tinha um bilhete de Hespanha...
Anda a rodá... Saia branco.



AS NOSSAS GRAVURAS

O conflicto anglo-portuguez.
A estatua de Camões.

A NOSSA gravura representa a patriótica manifestação que teve lugar em Lisboa, depois do ultimatum do gabinete de Saint-James.

Os estudantes e o povo da capital dirigiram-se ao largo de Camões, e foram envolver de crepes as figuras que ornão o pedestal da estatua do grande epico, em signal de lucto pela afeção que o nosso querido paiz havia recebido da Inglaterra.

Esses crepes ficaram confiados á guarda do povo, do exercito, da marinha e da mocidade académica, e serão considerados como covardes ou traidores á patria aquelles que ousarem arrancal-os d'alli.

Esta manifestação causou a mais profunda sensação não só em Lisboa e em todo o paiz, mas até em toda a Europa. Os jornaes estrangeiros referiam-se a ella largamente, e os jornaes illustrados publicaram curiosas gravuras representando esta scena altamente patriótica.

Efectivamente o aspecto actual da estatua de Camões, toda envolta em crepes, causa uma vivíssima impressão; e n'aquelles crepes, na ideia que preside aquella manifestação, sente-se o acordar da alma portugueza, — advinha-se que uma grande transformação ou uma grande revolução se acha eminente.

O momento é dos mais graves; e oxalá que os partidos monarchicos saibam ver a tempo o que é que a nação quer, para não cahirmos n'algum conflicto interno, com consequencias talvez que funestas...

E' necessario que os partidos monarchicos se convençam que os seus modos de governar se acham desacreditadissimos. E que acima da bambuchata eleitoral, d'uma eleição em Mangualde ou da transferência d'um escrivão de fazenda, ha uma coisa mais digna e mais nobre: a dignidade e o brão da nação portugueza!...

Recordações da Exposição

Os nossos leitores, os que vieram a Paris como aquelles que não puderam vir á Exposição, continuam a ver com prazer alguns dos aspectos da maravilhosa festa com que a Republica franceza assombrou o mundo, durante o anno de 1889.

E' por isso que a Illustração continua fazendo a historia illustrada de todos os aspectos, tanto do Campo de Marte como da esplanada dos Invalidos, ficando assim o publico com o mais interessante album que existe em lingua portugueza.

Hoje mostramos dois lados pittorescos da Exposição — os butriqueiros da rua do Cairo, e os musicos aragonezes do pavilhão hespanhol do caes d'Orsay.

Lançando um olhar retrospectivo sobre toda a Exposição, podemos affirmar que os maiores successos de pittoresco couberam á Hespanha e ao Oriente. E teiam tambem cabido a Portugal, se por acaso a nossa exposição tivesse sido organizada com mais intelligencia e mais patriotismo, se os seus burocratas tivessem seguido os planos de Raphael Botelho Pinheiro.

Mas os seus burocratas é que impoem a sua vontade, desprezando as indicações dos artistas. Felizmente que o dominio da burocracia está expirando em Portugal, e que a consciencia publica indignada vac vacnor em breve essas covices do Terreiro do Paço, esses covis de insignificantes e de mandrágos que durante tantos annos tem avilado o nosso paiz!

Como estamos longe dos burriqueiros da rua do Cairo e dos musicos aragonezes!
Os burriqueiros faziam o serviço de conduções

em toda a parte exotica da Exposição. O nosso desenhista, que traz a assignatura do illustre Viergo, representa o interior das cavallerias, que foram vistas pelos parisienses com tanta curiosidade como qualquer outro interior exotico.

Os musicos aragonezes cantavam n'um estrado em frente do pavilhão hespanhol do caes d'Orsay, a dois passos do pavilhão portuguez. As suas musicas, os seus cantares e os seus bellos tipos de camponozes eram immensamente admirados por todos os visitantes da Exposição de Paris.

Theatros de Paris. — Joanna d'Arc

O grande successo theatral de Paris tem sido a representação na Porte Saint-Martin do drama lyrico *Joanne d'Arc*, versos de Jules Barbier, musica de Ch. Gounod.

O papel de protagonista é desempenhado por Sarah Bernhardt, e não é facil dar uma ideia, a quem não viu a peca, dos prodigiosos effectos scenicos da grande actriz, dos mel recessos dramaticos de que dispõe, do modo como representa *Joanne d'Arc*, desde o typo da pastora até ao typo da mulher guerreira, á frente dos exercitos, até ao typo da martyr na prisão, e sobre a fogueira dos inquisidores.

Esta nova creação da eminente tragica é, segundo a opinião da critica franceza, superior a todas as creações de Sarah Bernhardt, superior á *Theodora* e mais á *Tosca*. N'uma figura tão complicada e tão cheia de nuances, como é a figura legendaria de *Joanne d'Arc*, Sarah Bernhardt descobrio as mais imprevistas interpretações de sentimento, de simplicidade, de energia, de heroismo e de martyrio... E é com as lagrimas nos olhos que todos os espectadores da *Porte Saint-Martin* assistem á guerra que os inquisidores tramparam contra *Joanne d'Arc*, ás scenas da prisão e á scena terrivel do supplicio da fogueira.

Não mostremos pela gravura a scena em que a pastora *Joanne d'Arc* ouve as vozes do céu aconselhando-a a deixar o ninho paterno e a ir salvar a França, combatendo contra os inglezes; a scena do corvamento depois das victorias contra os inglezes; *Joanna d'Arc* na prisão, e *Joanna d'Arc* na fogueira.

Por estes desenhos poderão os apaixonados do theatro ver os differentes typos que Sarah Bernhardt nos apresenta, e com que ella brevemente maravilhara o mundo inteiro. Porque a *Joanne d'Arc* será a unica peca da sua proxima tournée na Europa e na America.

Mezes illustrados. — Fevereiro

O nosso elegante desenhador Habert-Dys mostra-nos hoje uma phantasia sobre Fevereiro. E' o interior d'uma cozinha franceza, onde uma mulher do campo está fazendo crepes. As crepes são o prato obrigavel em todos as sobremanas apenas se aproxima o carnaval. As crepes caracterisam o mez de fevereiro, e são exactamente, pelo sabor e pela forma comoção feitas eguaes ás nossas fillozes.

Mas as crepes não só se fazem em todas as casas de provincia, mas tambem em todas as casas de Paris. Enquanto que as nossas fillozes já rareiam na nossa provincia, e ninguém as vê em Lisboa, pela simples razão de que não é *chic*, de que não é prato da moda e dos salões!...

E assim vamos com o *chic*, cabindo de imbecillidade em imbecillidade, até perdermos todo o caracter de portuguezes.

Felizmente que aquelles que não pertencem ao mundo *chic* acordaram, e estão decididos a varrer os imbecis!...

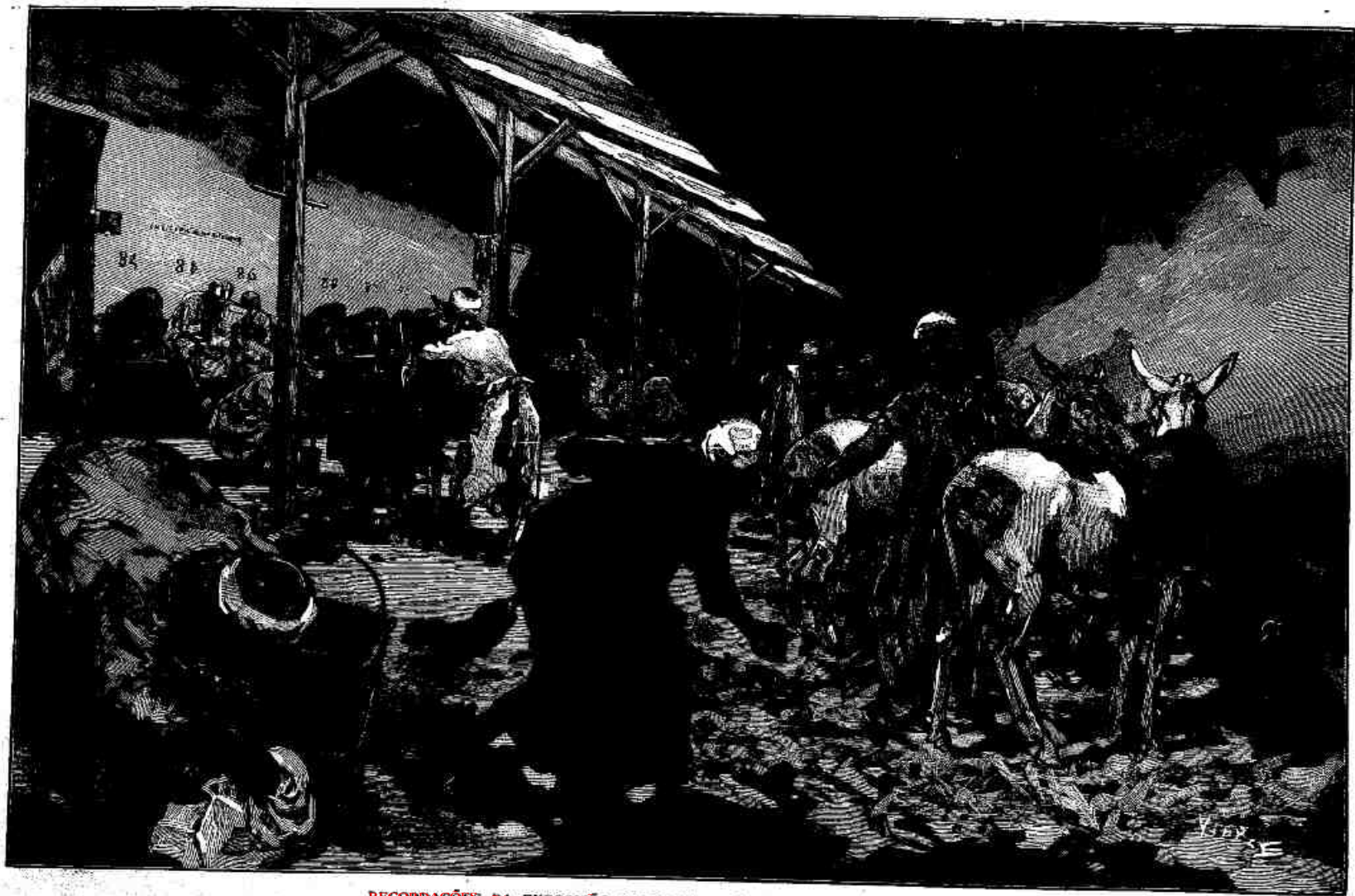
Ainda bem!

Bellas-Artes. — Manhã de festa em Veneza

O sr. Wagner é o pintor venoziano por excellencia; sabe de cor o Grande canal, o Rialto, a praça de São Marcos, os canaes e o resto, e á força de investigações e de estudos faz reviver aos nossos olhos a Veneza antiga.

Restaura os palacios em ruína, doura-os, mobiliza-os, e faz viver dentro d'elles os ricos senhores, de brilhantes dalmatians, as bellas damas de ricos costumes, etc.

Na sua *Manhã de festa em Veneza* o notavel pintor mostra-nos o embarque d'uma jovem patricia, com as gondolas do tempo, os fatos do tempo e a scenographia do tempo. Tudo isto é impregnado do mais delicado e mais puro archaismo, e mesmo com a maneira dos pintores da epocha.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — Os burriqueiros da rua do Cairo.



THEATROS DE PARIS. — SARAH BERNHARDT NA « JOANNA D'ARC. »

A gravura do nosso illustre collaborador Baude, dotada de tamanha finura, não nos pôde mostrar a côr do quadro, os tons alegres e brilhantes que deslumbram e encantam, mas produz um magnifico effeito, respeitando escrupulosamente a fórma.

A pintura e a gravura concorram pois para fazer d'este lindo assumpto uma verdadeira obra d'arte.

Esta pagina artistica é uma das mais brilhantes que a Illustração tem offerecido aos seus leitores.

Celebridades parisienses. — Francisque Sarcey.

No presente numero fallamos de theatros, fallamos de Sarah Bernhardt. Passemos pois interessantissimo mostrar aos apaixonados do theatro a physionomia do famoso critico dramatico do Temps, Francisque Sarcey, o critico que tem maior fama tanto em França como em toda a Europa.

Francisque Sarcey que era um obscuro professor de provincia apesar de ter feito brilhantes estudos na Escola normal de Paris, no tempo de Taine, do Provost Paradol e de Edmond About, começou a ensinar a critica dramatica nos jornaes onde collaborava o seu amigo About, e depois com mais assiduidade no XIX^o siècle.

Foi d'aqui que elle passou para o Temps, onde de mais de quinze ou vinte annos todos os domingos escreve um longo folhetim sobre os acontecimentos theatraes da semana parisiense.

Depois de ter soffrido muita critica e muita injustiça dos intransigentes e dos anarcbistas litterarios de Paris, considerando-o como um vil burguez sem opiniões, sem gosto, e sem esthetica, — Francisque Sarcey encontra hoje o respeito e a veneração de todos os novos e bellos espiritos de França, como Jules Lemaitre, Paul Bourget e Anatole France, que não hesitam em chamar-lhe mestre...

A nossa photographia representa Francisque Sarcey na sua sala de trabalho, rodeado de todos os seus livros.

É um interior vasto, da maxima simplicidade, tendo uma galeria superior constituindo o 2^o andar da sua bibliotheca.

Francisque Sarcey, como todos os escriptores francezes, trabalha pela manhã, das sete horas ao meio dia.

Escreve no Temps o seu folhetim hebdomadario, e além d'isso collabora na France, no XIX^o siècle e em diferentes revistas de critica.

Os seus ganhos litterarios avaliam-se entre nove e doze contos de reis por anno.



JOANNA D'ARC EM REIMS, EM SEGUNDA A' COROAÇÃO.

A TRAVEZ DE PARIS

Uma impressão consoladora. — A necessidade de direcção. — Um perigo a evitar. — Um bom crime. — Requisitos indispensaveis. — Um curioso exemplar. — Richebourg naturalista.

PARIS occupou-se de nós durante a ultima quinzena e da mais agradável maneira. Não houve um unico jornal que se nos mostrasse hostil. Tivemos como se diz em argot theatral uma boa imprensa. Infelizmente, todas estas manifestações de sympathia são d'um platonismo desesperador. Antigamente a França intitulava-se o gendarme de Deus, e acudia flamberge au vent, onde ouvia gritos de soccorro. Hoje continua a exprimir a sua compaixão pelo assassinado — mas deixa o assassino trabalhar á vontade. No fundo ella tem razão. Não pediu ella, ensanguantada, esfaqueada, que lhe accudissem outra? E não atterram aggreddir, mutilar, assassinar tambem?

Em todo o caso é consolador o interesse com que se segue n'este paiz o movimento de revolta e de nobre orgulho que a brutal offensa suscitou entre nós. Os nossos gritos do dôr, as nossas explosões de colera, a angustia e sublime violencia da nossa indignação despertam em toda a parte echos de verdadeira e sincera sympathia. Pelo que soffremos com o insulto, mede-se o grau da nossa sensibilidade e a delicadeza do nosso beio. Como o velho guerreiro de Corneille, que a mão d'um brutal inimigo esbofetou, a nossa pobre patria estorce-se de raiva e de desespero ao sentir-se debil e alquebrada para a vingança. Quando nascerá do seu seio o filho glorioso, o Cid invencivel e illustre, que apagará a memoria do ultrage com o sangue do offensor?

Mas se, apreciadas collectivamente, as manifestações de patriotismo do que tem sido theatro o nosso paiz, são tudo quanto ha de mais legítimo e de mais nobre, nem por isso aos olhos dos que, mesmo nas occasiões do vertigen e de alienação, conservam a serenidade e o sangue

frio da verdadeira coragem, nem por isso se está tornando menos necessario introduzir um pouco de ordem, de disciplina e de bom gosto, n'essa mobilisação de ideias e de alôres que a crise actual determina ao espirito das massas. Nós outros, portuguezes que vivemos longe da patria, e que somos, para me servir d'uma phrasa conhecida, a posteridade contemporanea da nossa raça, estamos admiravelmente collocados para apreciar pelo seu justo valor o alcance, o effeito e o processo d'esse movimento patrio-



JOANNA D'ARC NA PRISÃO.



JOANNA D'ARC NA FOGUEIRA.

tico e para discriminar n'elle o que é elevado e útil do que é declamatorio e estéril. A nossa opinião de conjunto sobre esse movimento não pode ser mais sympathica e plausiva. Isso não nos impede de pensar que muita coisa se tem feito e dito que não deveria fazer-se nem dizer-se.

Aos jornaes competiria a missão de dirigir esse movimento e o que infelizmente vemos é que são dirigidos por elle. Em toda a parte a imprensa é um crivo por onde só passam as ideias realmente dignas de publicidades. Entre nós, é um cêsto rôto onde o primeiro transeunte tem o direito de ir despejar a primeira parvoíce que lhe accorreu. D'ahi essa miscelanea impossivel de protestos genéricos e de culinadas grotescas, de nobres e levantadas resoluções misturadas com lugubres fargadas. Que a imprensa exalte o nobre patriotismo do duque de Palmella reenviando com desprezo á Inglaterra a condecoração que esta lhe offerece, muito bem; mas que na mesma columna se annuncie gravemente que Justino Soares não mais ensinará a polka aos compatriotas de lord Salisbury — eis o que torna a leitura das folhas lisboetas dolorosa para os que desejariam só ter que admirar n'esta magnifica explosão de coleras fendas. E o patriota que não quer que se aprenda mais inglez teria por accao feito correr mundo a esta sandice, se a imprensa lhe não tivesse franqueado as columnas?

Sejamos pois cordatos mesmo no odio. De-testemos o inglez com bom senso. Lembremos de que, se nada ha mais respeitavel que um nobre character ultrajado que só pensa em lavar a affronta, não ha mais triste espectáculo que o d'um furioso que a raiva allucina e a quem a ira não inspira senão gestos desconhecidos e risíveis desconchavos.

*. Ora até que emfim! Temos um bom crime! Fez-se esperar, mas veio. Desde o processo Chambige os amadores estavam no marasmo. Não apparecia nada com geito. Paris continuava a fornecer com regularidade o seu assassinio quotidiano. Mas que pobreza de imaginação! Que vulgaridade de meios! Sempre o reles ciume ou a banal cubia do alheio. Quanto aos departamentos um ou outro parricidio quando muito. O parricidio é a especialidade da provincia. Dauga e os seus nove homicidios fez durante algum tempo conceber a esperanza d'uma interessante intriga judiciaria. Chega o dia de julgamento — uma decepção completa. Como palpar, como apaixonar, se uma pessoa por esse estúpido marchante de rézes humanas que elle abatia á mocada para as despojar d'alguns pobres sous, e que durante os debates se refugiou n'uma feroz negativa da evidência, do esmagador testemunho dos factos, d'onde nunca mais sahira nem mesmo em frente do cutello da guilhotina! Impossivel, não é verdade? O parisiense é um gourmet demasiado fino para se deliciar com essas grossas chourçadas sangrentas.

O que elle quer é o drama passionnal e requintado, o enredo mysterioso que se desenvencilha pouco a pouco, entre surpresas e guepes de theatro, e sobretudo a revelação de casos excepcionaes, de atrocidades ineditas, de imprevisas perversões. Por isso nada ha mais raro do que um bom crime. Os jornalistas judiciarios possuem para isto um faro extraordinario, e quando elles declaram: — Cá o temos! — é porque lá o tem. Ora d'esta vez todos á uma exclamaram: *Nous le tenons!*

*. Para que um crime seja um bom crime, é necessario em primeiro lugar que se perpetre em Paris. O crime provinciano, com raras excepções, não inspira interesse, participa do realismo inherente ás modas atrozadas, ás intrigas de campanario, ás invejasinhas da vida estreita, aos chapéus de coco, aos vícios de pronuncia e no

desastramento geral das coisas e dos individuos. O drama Chambige fez excepção á regra em virtude da notoriedade dos personagens e da violencia passionnal que o determinava. Mas em regra o parisiense só se interessa pelo que passa dentro do recinto das fortificações. Se quereis pois ser um assassino celebre, assassinae para cá da porta Maillot.

A outra condição, mas essa *sine qua non*, d'um bom crime é que a mulher represente n'elle um papel qualquer. Um crime exclusivamente masculino não presta. Zaccane desdenha-o. Montepin exclama: « Afastem de mim esse calix! » A mulher eis todo o drama! Tirem a mulher dos grandes processos celebres d'estes ultimos dez annos, mesmo d'aquelles em que ella não foi senão uma comparsa, uma figurante do ultimo plano, supprimam Gabrielle Fenayrou do crime que custou a vida ao seu amante Aubert, Jeanne Blin do drama da rua de Seze; imaginem Pranzini sem as suas mysteriosas amantes, sobretudo sem aquella que lhe escrevia as mais adoráveis cartas de amor que jamais um homem recebeu d'uma mulher, tão bellas, tão vibrantes, tão femininas como as da religiosa portugueza, e que nunca ninguém soube quem foi, a não ser a policia que guardou bem o seu segredo d'essa vez; eliminem Mauricette Couronneau da odyssiea aventureira de Prado; e verão o que fica de todas essas tragedias palpitantes, terríveis, que fizeram tremer Paris de ansiedade, de pavor e de interesse febril.

A mulher é pois indispensavel n'um bom crime. O perturbante mysterioso da fimalidade, o enigma insolúvel da alma mulheril, as suas contradicções, os seus absurdos, os seus gritos de amor, de odio, ou de lascivia, as suas traições impudentes, os seus sacrificios sublimes, o imprevisito, o irregular, o surpreendente dos seus actos, a mobilidade dos seus affectos e das suas impressões, são outros tantos elementos de interesse e de estímulo para a curiosidade do publico. E o drama que em breve se vai desenrolar no tribunal d'assises promete satisfazer até á saciedade os amadores de sensações requintadas e de especiarías incendiarias.

*. Nada com effeito mais curioso, mais suggestivo do que esse singular typo de Gabriella Bompard.

O que é ella afinal de contas? Um monstro? Uma hypnotica? Uma inconsciente? Uma desequilibrada? Tudo n'ella é extravagante, imprevisito, fóra do comum. Eyraud propõe-lhe armar uma cilada a Gouffé, na qual ella deve representar o papel de Maguelonne no *Roi s'amuse*, Gabriella accede alegremente á ideia. Eil-os no quarto, hoje celebre da rua Tronçon Ducoudray a dois passos da Magdalena. Gouffé, sempre galante, toma-a sobre os joelhos e fecha-lhe os labios com um beijo. N'isto Saltrabail, isto é, Eyraud surge, enlaça-lhe o pescoço com as mãos de ferro e estrangula-o com tal furia que lhe quebra a larynge. É Gabriella quem conta entre risinhos a horrivel scena ao juiz de instrucção: — « Oh! se visse a careta que elle fazia! » concluia ella em uma gargalhada.

Poder-se-hia suppor que Eyraud exercia sobre ella uma dominação absoluta. Mas não é assim. Em Nova York, Eyraud encontrou um francez já idoso, rico, que faz olhos doces á sua amante. Occorre-lhe logo á ideia de *refaire le coup*.

Mas d'esta vez Gabriella resistio. Garanger soubera agradar-lhe e a mesma creatura, que friamente se prestara ao assassino de Gouffé, que lhe era indifferente, riega-se agora a colaborar n'uma cilada contra o homem que ella ama. Eyraud furioso passa uma noite inteira a moel-a com pancadas, sem conseguir decedil-a. No dia seguinte, Gabriella foge de casa e vai contar tudo a Garanger que a traz para a Europa e a convence a ir confessar ao juiz de instrucção o crime commetido.

No seu carcere, Gabriella passa os dias a tagarellar e a rir. Não parece ter a menor ideia

da responsabilidade que pesa sobre si: Os seus depoimentos são obras de alta phantasia, semeados de contradicções facetas, de galaticos, de olhares maliciosos, de gargalhadas de creança. O juiz de instrucção, um grave homem, nunca se viu em similhante festa. Imaginem um austero magistrado inquirindo um ouistiri.

*. Uma das coisas curiosas d'este crime é o modo por que elle foi perpetrado. A casa da rua Tronçon-Ducoudray é habitada em todos os andares, tem um porteiro. A rua é frequentada. E todavia ponde um homem ser assassinado n'essa rua e n'essa casa, ás 8 ou 9 horas da noite, sem que um grito, o ruído d'uma luta, despertasse a attenção d'um visinho ou d'um transeunte. O cadaver fica uma noite inteira dentro da famosa malla, e, detalhe horrivel, Gabriella dorme essa noite com o assassino a alguns passos do morto. No dia seguinte a malla é removida para fora e transportada, como qualquer malla honesta á estação do caminho de ferro. Tudo isto se passa com um absoluto socego, em pleno coração de Paris, a dois minutos dos boulevards! Mas se isto é assim, passo a considerar o *Ro-cambole* como a obra prima do naturalismo e é nos folhetins completos do sr. Richebourg que teremos de ir procurar o *documento humano*, grato aos manos de Goncourt. Mas não é tudo ainda. Quem é que de hora em diante ousará aceitar uma entrevista de amor? Foi-se a confiança. Ora sem confiança os senhores bem sabem o que acontece em taes occorências. E' um desastre!

GISS.



A ESTATUA DE CAMÕES

*O cantor dos varões assignalados
Que passaram além da Taprobana,
Vendo aquelles que amou hoje ultrajados
Pela audacia da atroz gente britana;
Do erguido pedestal levanta brados,
Que acordam na grande alma lusitana
Os brios dos heroes que edificaram
Novo reino que tanto sublimaram.*

*— Filhos de quem cantei a fama e gloria,
Defendei dos avós a nobre palma,
Se conservaes ainda na memoria
As estrophes d'amor que arranquei d'alma!
Vossa justiça ao mundo é já notoria,
Mostrae-lhe o nobre ardor que não se acalma...
De que soubestes dar ao mundo exemplo,
E a que eu ergui no meu poema um templo!*

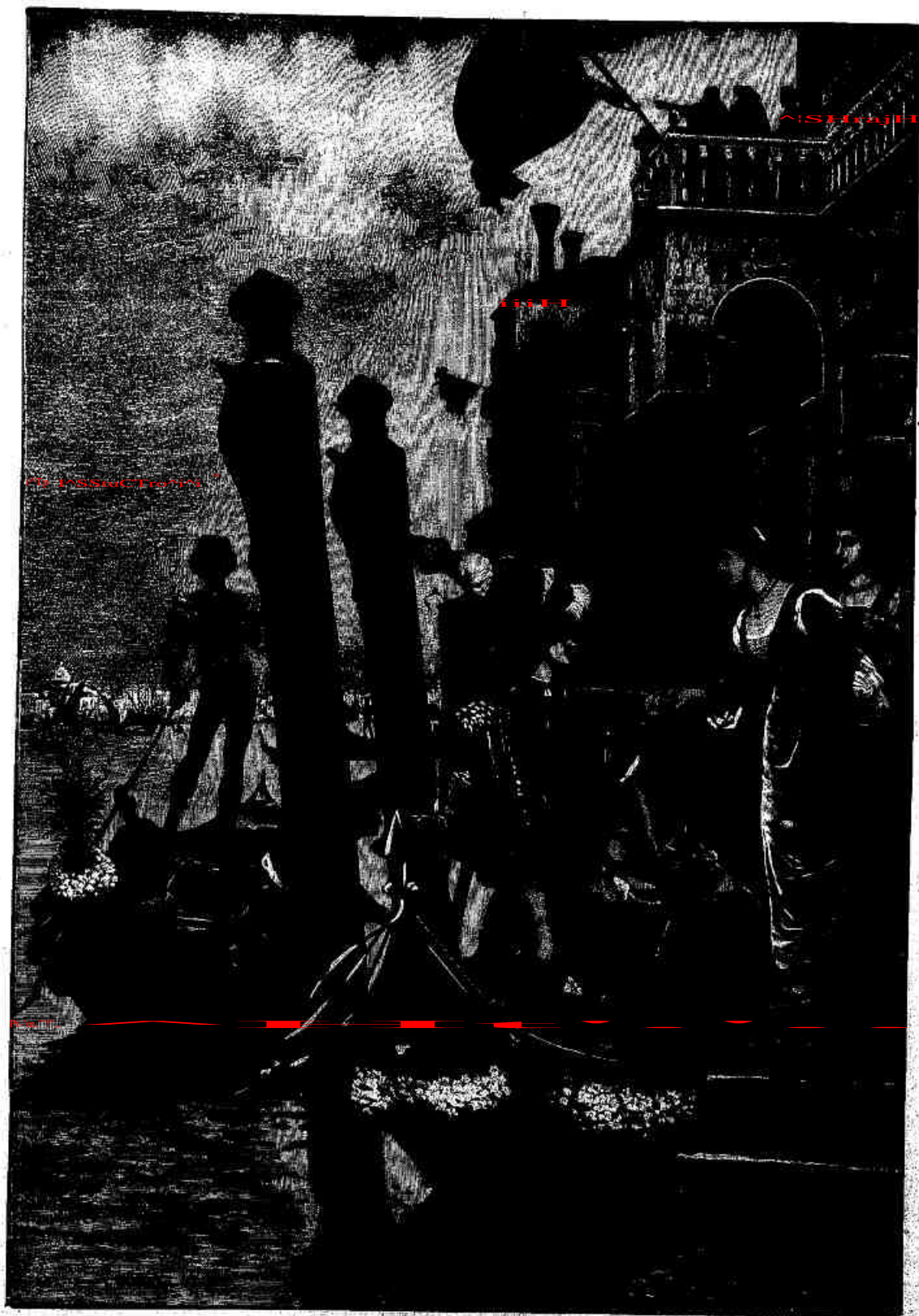
*Se não tens, patria minha, um Castro forte
Que opponhas contra as fúrias da insolença,
Inda tens Serpa Pinto expondo á morte
Portuguez coração de nobre essencia!...
Portugal! ergue as almas n'um transporte
De patrio amor, de santa independência,
Que só é digno de laurel eterno
O que defende o ninho, seu paterno!*

*E a estatua de Camões levanta o braço
Sobre o seu pedestal, firme e direito...
Uns echos surdos vão galgando o espaço
Produzindo nas almas mago effeito.
Todos se dão um fraternal abraço,
Ha um grito geral em cada peito:
— Desprezar o que quer, lançar na lama
Os brios que um Camões ergueu á fama.*

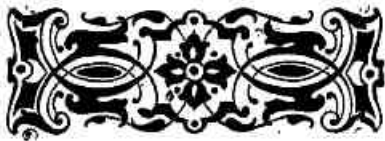
J. I. D'ARAÚJO.



OS MEZES ILUSTRADOS. — FEVEREIRO.



BELLAS-ARTES. — MANHÃ DE FESTA EM VENEZA (SÉCULO XV).



O ULTRAJE

DESDE que o tratado de Methuen nos atrelou à Inglaterra, juntando-nos n'essa famosa aliança que ficara celebrada nos fastos da Humanidade como um dos mais perfectos e rematados exemplos de hypocrisia politica, desde esse desgraçado dia da nossa escravidão economica — foi agora, no anno da graça do Nosso Senhor Jesus Christo de 1890, que pela primeira vez a fôrça aliada, pondo de parte os seus interesses, nos prestou o unico servico real e verdadeiro que se possa nomear na historia das nossas reciprocas relações! O insulto britannico foi um rai da graça divina, uma d'essas miraculosas intervenções da Providencia ou do Acaso, nos destinos incertos e na vida abatida dos povos decadentes e enfermos. O insulto britannico foi a rude, violenta, mas salutar massagem, que nos tonificou a murcha fibra patriótica, e fez activar nas veias do paiz a circulação d'esse sangue do sentimento nacional que velhas incurias de hygiene politica haviam tornado de ha muito desseccado e lento! Abençoado conflicto! Abençoada humilhação!

A Inglaterra podia ter cedido ante a primeira resistencia do nosso patriotismo, podia ter tornado as difficuldades que se oppunham á sua cupidez: — podia reconhecendo os nossos direitos, aceitar o caminho das transacções que o nosso governo lhe queria abrir diante dos pagãos, e, uma vez n'elle, com o tempo, com as dilacções, com as manhas e os euphemismos da diplomacia, que sabem mascarar todas as violências e dotar as pilulas mais amargas — ir lentamente, pacientemente, estendendo os tentáculos, enleando a presa, até a ter bem segura, sob a acção das exhaustivas ventosas das suas emporças commerciaes. Era lhe talvez facil, escapando a occasião, proterando as negociações, complicando-as, jogando com as rivalidades da nossa politica interna e com os acasos da politica geral da Europa, conseguir lograr-nos mais uma vez, deixando-nos nas regiões disputadas os duros ossos dos encargos de occupação, de administração e policia — e reservando para si a saborosa medulla e as succulentas viandas da exploração commercial. Uma promessa de liberdade de commercio, ou um simples beneficio pautal, invocados como compensações, e extorquidos, se não hoje, amanhã, á despreoccupação d'algum governo incauto ou leviano, collocavam-na no melhor caminho de realisar as suas cupidias vistas.

Mas não. Pela primeira vez a Inglaterra quiz ser franca e sincera connosco. Foi talvez inabitual, mas — fugimos-lhes justiça — não foi hypocrisia... Em logar das torcidas verdades do machivelismo — contou a direito pela estrada recta da violencia demascarada. A meio da disputa apontou-nos a face aos peitos. E' mais nobre — ao menos... Antes saltador do que gatuno!

Pois o provelto — não sabendo, meu crasso John Bull! — o provelto foi nosso! Muito obrigado? Obrigadíssimo! O teu muro de campeão do box, a tua natifada de estripador sinistro, acordou-nos, despertou-nos, sacudiu-nos de modorra em que nos deixáramos entorpecer. Ressuscitaste um morto com o teu insolente pontapé, bravo sir John Falstaff, fanfarrão em frente de bracos, humilde em frente dos fortes! Estamos ainda a esfregar os olhos, na surpresa do primeiro momento. Mas, descança! vamos nos ergor, vamos desenfurrujar as articulações

ankylosadas, vamos enrijar o musculo flaccido. E tu verás, sabido discípulo de Darwin, como esse macaco, esse antropopitheco, com que o teu Punch diverte a galéria ingleza — se transforma, mesmo sem longos seculos de lentas metamorphoses evolucionistas, n'um homem ás direitas, n'um homem a valer.

Descança, descança! Tu mesmo has de passar do prodigio que obraste...

Mas é que a verdade é esta: o conflicto com a Inglaterra pode ser para nós providencial. Ha muito que a alma portugueza dormitava somnolenta, peraltada n'um sonho messianico. D'esse sonho tem tirado ella, nos momentos agudos das suas crises, todas as energias precisas para lhes resistir e para as vencer. A fé n'um imprevisito milagre, que ha-de marcar o inicio d'essa futura vida nova, d'esse Quinto Império, sonhado e suspirado desde os desastres do fim do seculo XVI, accorda e aviva-se nas horas solememente angustiosas da sua existencia. Em tres seculos de Historia não fazemos mais do que bradar: Quem nos salva? quem nos salva? Quem nos restitue a antiga força, a antiga alma, o antigo heroismo? De tempos a tempos, na nevoa do nosso sonho, passa um vulto, surge um acontecimento auzelado n'um clarão de esperança XVI, accorda e aviva-se nas horas solememente angustiosas da sua existencia. Em tres seculos de Historia não fazemos mais do que bradar: Quem nos salva? quem nos salva? Quem nos restitue a antiga força, a antiga alma, o antigo heroismo? De tempos a tempos, na nevoa do nosso sonho, passa um vulto, surge um acontecimento auzelado n'um clarão de esperança. E semi-despertados perguntamos: Será este o Encohenço? será este o providencial Improvisito? As forças voltam-nos, erguemo-nos, e n'um arranço de energia, n'uma epilepsia de hallucinados, parecemos renascer para a vida e para a gloria.

Será um destes o momento presente? Talvez...

Talvez, não! E' preciso, é forçoso, é indispensavel que o seja! Hade sel-a, para bem ou para mal! E' uma questão de vida ou de morte, uma d'estas questões capitais em que, um momento, se encerram e se localizam os destinos dos povos e das nações. Perante as nossas tradições, perante a nossa consciencia, perante o mundo, perante a Historia, nós estamos na mais difficil, na mais critica, na mais inatável alternativa. Sim ou não! Tudo ou nada!

Enche-nos a alma, digamol-o francamente, este desusado movimento, este utular de imprecações violentas, estes primeiros impulsos de generosidade e de sacrificio. Em frente de todas as manifestações, ainda a mais insignificante, sentimos as lagrimas assomarem-nos aos olhos e na espinha esse catastro das impressões dominadoras e soberanas. Ha evidentemente ainda qualquer coisa de vivo, de animado, n'este organismo que se suppunha em decomposição. Este arranco de vitalidade nacional foi bello — é innegavel. Mas que tremedais, que pesadas responsabilidades nos não impõe a nobilissima attitudem em que nos collocamos!...

Ah! aqui é que está a contraprova do problema! aqui é que está a pedra de toque, por onde se hade aferir o valor real dos sentimentos de que fazemos alarde!

Meditemos bem. — Tomamos para connosco e para o mundo um compromisso solemne. Juramos desforçar-nos e juramos não hesitar para isso deante de sacrificio algum. Se as nossas obras corresponderem ás nossas palavras, se da exaltação presente soubermos fazer derivar um proposito reflectido e inabalavel — estamos salvos, teremos aberto deante de nós uma era nova, teremos entrado no caminho da nossa regeneração social, expandindo, na amarga humilhação do presente, os nossos passados erros, as nossas faltas, os nossos crimes de lesa patriotismo. Mas se hesitarmos, se recuarmos um passo que seja, se a nossa energia fraquejar, se o nosso impeto desfallecer, se o tempo vier intibiar as nossas resoluções, se se provar que este clarão de sentimento nacional não passou d'um fogo de palha, breve reduzido ás frias cinzas da indifferença — então envolvamo-nos no sudario

das nossas miserias intimas e estiremos do vez, no tumulto da Historia, esta carcassa miseravel, que não tem já direito á vida!

O momento é solemne e decisivo. Sim ou não! Tudo ou nada! Não ha meio termo possivel. Toda a transigencia, toda a reconsideração, todo o affrouxamento será apenas — capacidade-mos d'isto — uma justificação do procedimento da Inglaterra. E' preciso fechar os olhos e avançar! Para a morte ou para a vida? Pouco importa! Avante, avante! — eis o dever!

A occasião — diziam-no os antigos — é calva. Não a deixemos fugir. Temos um ensajo unico de mudar de vida, de nos engrandecermos, de nos regenerarmos. Não o perçamos! O conflicto está de pé. As alterações da politica interna interromperam um momento o curso das negociações diplomaticas. Mas a questão vae surgir, um dia ou outro; e a ambição ingleza, é insaciavel. E' possivel que tudo se accomode entre os dois estados. Mas entre os dois povos não pode haver reconciliação nem accordo. Seja pois qual for a solução official da pendencia, é imprescindivel que todas as grandes aspirações, todos os nobres sentimentos, todos os altos desígnios, todos os planos patrióticos, que agora se revelaram, se manifestaram, se elaboraram, tomem corpo, consistencia e se formem n'um generoso programma de restauração da nossa nacionalidade.

Embora a Inglaterra nos não ataque, embora no momento presente se tomem inateis armamentos e preparativos bellicos — não se descança n'esta propaganda patriótica.

E' necessario levar por diante esse supremo pensamento da subscricao nacional. E' necessario que milhares e milhares de contos corram n'uma torrente d'ouro e n'uma contribuição espontanea, para esse cofre, esse oratorio civico creado e decretado pela alma da patria. De o rico, de o remediado, de o pobre — deem todos os que tem nas veias sangue portuguez, todos os que tem debaixo d'esta terra os ossos de seus paes e sentem rangor sobre ella, embulado, o bego de seus filhos. E de-se á larga, a grandes punhados de metal, como quem atira mãos cheias de semente a uma leira uberrima, borbuihando de força generosa! De-se a olhos fechados, que o futuro nos pagará centuplicada a nossa generosidade! Lembremo-nos que, com esta ideia, submettemos o nosso patriotismo a uma cotação! Por tudo quanto ha, pela nossa honra, pelas nossas tradições, pelo nosso nome — que essa cotação nos não envergonhe, que ella suba a uma altura tal que faça o espanto do mundo e fique, na historia dos sacrificios nacionais, ao lado dos cinq millards que a França, vencida, arrojou com altivez aos pés da Alemanha vencedora!

Mas ha mais.

Não basta restaurar a marinha, reorganisar o exercito, fortificar o paiz. O grande movimento nacional tem outra importantissima missão a cumprir: emancipar-nos industrialmente do estrangeiro, nacionalisar o trabalho por uma radical transformação economica. Não basta deslocar de Londres para Paris, para Berlim, para Bruxellas, para New-York, os nossos mercados de abastecimento e consumo.

E' preciso resgatar para braços portuguezes e para bolsas portuguezas o trabalho e os lucros, que o nosso desgoverno economico tem até hoje abandonado ao interesse e provelto do estrangeiro. Adaptamos á nossa politica a formula de Monroe: Portugal para os portuguezes. Ponhamos um travão á descommedida influencia exotica. Vivamos de nós e para nós. Nacionalisemo-nos. Expurguemos a vida portugueza de toda a estrangeira corruptora do nosso caracter historico. Refaçamo-nos uma existencia nova, inspirando-nos nas nossas tra-

dicções, na nossa hereditariedade ethnica, nos caracteres do genio nacional. Estendamos, ampliemos este espirito de restauração nacionalista, da politica aos costumes, da industria e do commercio ás artes e ás letras. Sejamos de novo portuguezes — com todas as eminentes, solidas e admiraveis qualidades d'esta raça privilegiada, tão privilegiada que por seculos, a si propria se julgou, um povo eleito de Deus — e foi de facto um instrumento do Destino!

Que amplo, que largo, que glorioso campo, ahi fica aberto e franco á actividade de toda uma geração! Como seria bello ver lançados n'esta cruzada todos os nossos grandes nomes, todos os nossos grandes corações! Como seria bello ver realisar-se gradualmente este sonho, tornar-se um facto este pensamento!

Ah! se, impellido por este abalo patriótico que acaba de agitar o paiz, se dessem alguns passos, poucos que fossem, no caminho indicado — seria um dever de gratidão confessar que as violencias britannicas foram para as nossas enfermidades nacionaes uma bem efficaz e maravilhosa therapeutica!

LUIZ DE MAGALHÃES.

BEATRICE

*Amo-a tanto... Se a pallida conviva
De meus tardos festins soube ao menos,
Como eu sinto no peito a chamma viva
D'aquelle amor que tem fataes venenos,*

*Se aquelles olhos de chorar cançados,
Mais cheios de uma luz que move e assombra,
Baixassem aos abysmos congelados,
Aos meus abysmos de insondavel sombra,*

*E vissem quantas horas de agonía
Que instantes de cruel padecimento
Me traz o novo sol de cada dia,
De cada noite o funebre lamento;*

*Se aquellas mãos de marmore siderio,
Que Deus fez para as harpas do infinito,
Levantando a cortina do mysterio
Podersem apalpar meu seio afflicto;*

*Se ella, ascendendo ao formidavel cume
D'este vulcão de amor que nada acalma,
Visse as rubras crateras de cume
Que um sopro seu electrizou n'est alma;*

*Se ella me visse occulto no arvoredo
Ou entre as multidões estrepitosas,
Do mar sobre algum ingreme rochedo
Ou d'aldeia nas varzeas silenciosas,*

*— Só para a ver no rapido intervallo
De dous segundos de ideal saudade,
De dous segundos em que eu tremo e calo,
Medroso de que a absorva a Immensidade!*

*Se em cada lyrio que pendeu á sesta,
Em cada estrella que no alvor se apaga,
Em cada folha sécca da floresta
Ou nos rubis da murmurante vaga,*

*Ella visse uma lauda mysteriosa
Do romance da nossa mocidade,
Singello como a nuvem cor de rosa,
Mas triste como os crepes da orphanidade;*

*Se eu pudesse dizer-lhe como a amo,
Sem que ninguém me ouvisse a confidencia,
Mostrando-lhe um poema em cada ramo
E em cada ninho um leito de innocencia;*

*— Abysmada no gelo do Insondavel,
Vergando em suas mãos a lei da sorte,
Dar-me-hia n'um abraço o Inenarravel
E n'um beijo, meu Deus, o Amor e a Morte.*

ALFREDO CARVALHAES.



A REVISTA DAS REVISTAS

A mensagem dos estudantes.

NÃO podemos deixar de não registrar na nossa Revista a mensagem enviada aos estudantes de todos os paizes signatarios da conferencia de Berlim, pelos estudantes de Lisboa, a propósito do conflicto com a Inglaterra. É uma pagina escripta com grande vigor e nobre orgulho nacional, que faz immensa honra aos signatarios...

CAMARADAS!

Ha na Europa um paiz, cuja vida historica é digna e honrada. Este paiz, a que pertencemos, Portugal, acaba de soffrer o mais odioso ultrage. Este ultrage partiu de uma nação que tem por divisa: ser forte com os fracos e fraco com os fortes.

Vós conheceis-a bem essa nação filha de piratas, pirata ella mesma, que tem vindo desde o principio de seculo passado por guerras desleaes crescendo e enriquecendo a custa dos outros povos.

De todo o seu vasto imperio colonial, na extensão de 22 milhões e meio de kilometros quadrados, apenas 9 milhões (a Australia) foram bem adquiridos. O resto foi tirado á nobre Hespanha, á gloriosa França, á pacifica Hollanda e ao paiz que n'este momento pretende humilhar.

Assim, em 1704, vendo a Hespanha abatida com as guerras de successão, tomou-lhe Gibraltar. De 1713 a 1815 vós sabeis que foi tirando á França a Terra Nova, Acadia (Nova Escocia), a bahia de Hudson, o Canadá, as Antilhas francezas (tambem se apoderaram das hespanholas); aos cavalleiros hospitaleiros tomou Malta, aos holandezes o Cabo e Ceylão. Com a India aconteceu o mesmo; aqui foram francezes e portuguezes os espoliados. Em 1840 coube de novo a sorte aos buccas, que foram expulsos do Natal.

É todavia isto tudo não passa d'um resumo. A historia colonial ingleza é uma serie de latrocinios e de assassinatos. A da metropole não é mais sympathica: a Escocia vive subjugada, a Irlanda esmagada. Eis o que é a Inglaterra. Um poivo immenso deitado no Atlantico, sugando e agitando nos seus tentaculos os continentes e os mares.

Hoje é contra a Africa portugueza que volta a sua cubica.

Vós vereis nos documentos juntos a quanto pôde descer o caracter d'um povo, cujo unico ideal é o dinheiro o sobretudo, o que mais importa, vereis tambem a justiça da nossa causa.

Por ella lutamos perante vós para que insteis e obtenhaes do vosso governo que elle faça respeitar e cumprir pela Inglaterra o art. 12.º da conferencia de Berlim.

Somos uma nação pequena mas temos tradições que havemos de sustentar e continuar. Entrámos na vida historica no meado do seculo XII, erguidos nos escudos d'um punhado do guerreiros. Alargámos em seguida o mundo, indo os nossos navegadores arrancar a Africa a um esquecimento de dois mil annos. A propria Australia, unica colonia ingleza de origem foi descoberta pelo portuguez Gódiño de Eredia, que em 1701 chegou ao Cabo Van Diemen. Abrimos para o India um caminho novo e largo, por onde o commercio e a civilisação facilmente entraram. O Brazil nós o descobrimos e o navio que pela primeira vez, em 1500, se aventurou a correr as ondas do Pacifico levava a seu bordo como capitão um portuguez, Magalhães. Estava feita a primeira circumnavegação do mundo. Estava demonstrada a esphericidade da terra. E ao abrir-se o livro de ouro da Renascença, lá apparece firmando o nome portuguez, um dos maiores genios do mundo, Camões.

Enquanto estes factos se inscreviam na historia da humanidade, havia além da Mancha uma ilha sempre envolta em nevoeiros, rodeada de recifes, batida por um mar tempestuoso, e nas rochas das

suas costas de Carnouilles ao Sussex; pelo escuro da noite, hordas de sem selvagens accendiam fogueiras em diferentes pontos, para onde os navios, dirigindo-se, davam á costa; depois caiam sobre a preta: Era o povo inglez!

E' este o povo que hoje manda avançar as suas esquadras, as mesmas que recuaram deante da Alemanha e dos Estados Unidos, contra os portos de S. Vicente, Lourenço Marques e Lisboa.

Pois bem; encontrar-nos-ha de pé com as armas na mão, promptos a combater.

Mas consentireis vós, filhos de (nome da nacionalidade) que uma tal injustiça se commetta? Que o povo que tem do seu lado o direito, seja esmagado por um outro, só porque a este lhe apparece uma porção de territorio do primeiro?

Não o acreditamos porque isto equivaleria a renegar a consciencia humana.

Nós, estudantes da Europa, que representamos a parte mais viril e mais entusiasta das nações, e que bebemos no estudo o amor das nossas patrias, unamo-nos todos contra o inglez, este ladrão dos mares.

E' o que a academia de Lisboa, reunida em commicio, e tendo recebido as adhesões de todos os estudantes portuguezes, nos encarrega de vos transmitir.

Na esperança de que vós acolhereis favoravelmente o nosso pedido, enviamos a expressão do nosso reconhecimento e da nossa mais alta consideração.

HYGINO DE SOUZA,
Presidente.

AFONSO DE LEMOS,
1.º Secretario.

FRANCISCO LEÃO,
2.º Secretario.

TSARINE PÓ DE ARROZ RUSSO
Atuante, Resumido, Terceiro
Preparado por WAGNER
28, Rue de la Paix, PARIS

Sociedade d'artistas portuguezes.

Recebemos á ultima hora, datada de Paris, a seguinte circular á qual damos gostosamente a publicidade da ILUSTRAÇÃO.

A nossa revista está sempre do lado dos artistas, pugna pelos seus interesses; e é por isso que vemos com prazer que elles se queiram unir e formar uma sympathica corporação, digna dos applausos de todos quantos se interessam pelas prosperidades da Arte em Portugal.

O que desejamos sinceramente é a união de todos, que todos fraternizem n'este mesmo pensamento de solidariedade artistica, para que se acabe por uma vez com as comicas rivalidades dos grupos, de escolas e de terras...

Em França, onde os artistas encontram todo o auxilio do Estado e todo o apoio do publico intelligente, onde os artistas são numerosos e a produção artistica a mais bella que ha no mundo, — o facto de haver agora dois grupos, dois salons rivales, começa já a causar apprehensões ao Estado, ás Academias e á Critica. Não serão estas rivalidades entre artistas eminentes um perigo constante para a Arte franceza?

Em Portugal, divisões seriam a morte d'esta nascente curiosidade do publico e do Estado para com os artistas e as obras d'arte.

Que todos se unam! Que todos fraternizem! E serão ouvidos e attendidos nas suas reclamações pelos poderes constituidos.

Eis a circular:

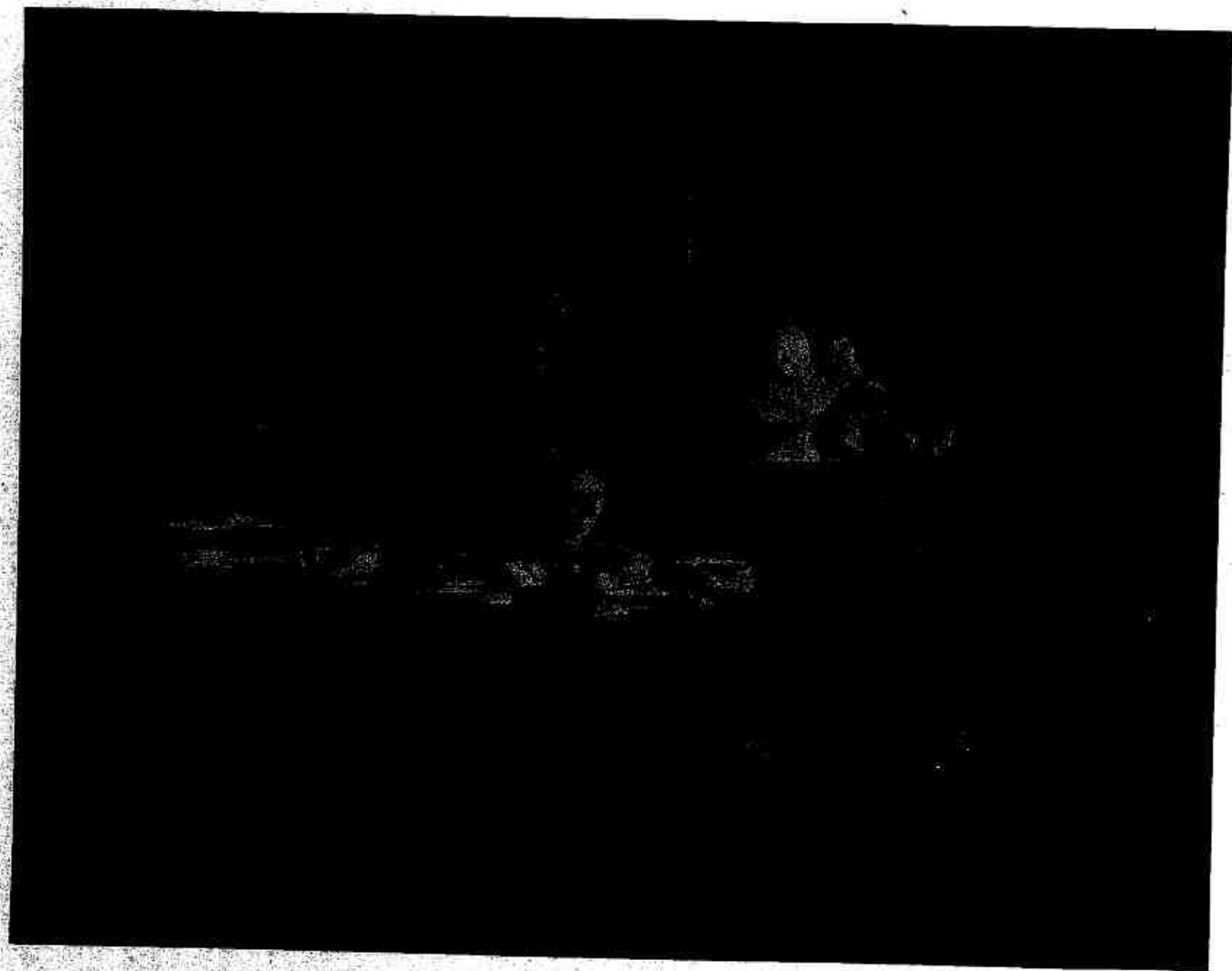
Ex.º Sr.º

O grupo de artistas, abaixo assignados, tem, por esta forma, a honra de se dirigir a V. Ex.º no intuito de obter a sua adhesão para uma sociedade composta de todos os artistas portuguezes que, por fim, não só zelam os interesses da arte e dos artistas, no nosso paiz como tratam de desenvolver, por todos os meios ao alcance da sociedade, o conhecimento e o gosto pela arte.

Neste momento, estamos convencidos, faz-se sentir entre nós, a falta de uma sociedade organizada sobre essas bases e que, como em quasi todos os paizes, trate de promover exposições de bellas artes e epalhar uma instrução artistica que incite ao publico um criterio justo e o amor pela arte.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS MUSICOS ARAGONEZES NO PAVILHÃO HESPAÑHOL DO CAES D'ORSAY.



CELEBRIDADES PARISIENSES. — FRÉDÉRIC SAGGY NA SUA SALA DE TRABALHO.

Como V. Ex.^a sabe, sociedades identicas e estabelecidas, como se dizemos, em qual todos os países cultos, são reconhecidas pelos governos das respectivas nações como de utilidade publica e recebem d'elles toda a força e ajuda de que são dignas pelos seus fins altamente patrióticos e justos.

Estamos convencidos que o nosso empenho em estabelecer em Portugal uma sociedade identica encontrará no animo de V. Ex.^a, que sempre se tem mostrado tão dedicado pela arte, plena approvação e esperamos que será com verdadeiro prazer que todos os artistas nossos compatriotas se juntarão a nós, ajudando-nos a realizar uma ambição tão justa e que todos quizerão compartilhar da gloria do ver realiado.

E' justamente da comunidade de ideas entre nós todos e da importancia dos fins a que nos propomos que esperamos tirar a força sufficiente para que os poderes publicos e o paiz nos deem a seu turno a ajuda e o encorajamento de que carecemos.

Comencemos pois por esperar a adhesão de V. Ex.^a a quem por ignorancia de direcção não tenhamos enviado a presente circular para em seguida submettermos á approvação de V. Ex.^a os estatutos da nossa futura sociedade, que no actual momento estamos elaborando.

RODRIGO SOARES, COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO, SIMÕES D'ALMEIDA, RAFAEL BORDALLO PINHEIRO, ERNESTO CONDEIRA, ALBERTINA VALER, ALBERTO NUNES, JAYNE VERDE, SOUZA PINTO, MARQUES DA SILVA, JOSÉ DE BRITO, SALDADO, THOMAS COSTA, JOSÉ MURIELA RATO, JOEL DA SILVA PEREIRA, MARQUES D'OLIVEIRA, JOSÉ ANTONIO GASPARI, BENARIUS, VENTURA TERRA, JOSÉ LUIZ MONTEIRO, CARLOS REIS, DEANTE MAIA, ADAS BERNARDES TRINHA LOPES, ARTHUR MELLO.

O Brazil

Tudo quanto diga respeito ao Brazil interessa hoje toda a Europa, e particularmente toda o publico portuguez. A revolução de 15 novembro e a proclamação da Republica fêz do Brazil o paiz na ordem do dia, e todos desejam conhecer a sua verdadeira grandeza, o seu estado de adiantamento e do progresso. Ora acerca do Brazil, tal qual elle hoje é, encontramos no nosso collega o *Seculo*, de Lisboa, dados interessantissimos que pensamos a transcrever.

O Brazil tem vinte provincias e um municipio neutro — o do Rio de Janeiro. Quatro d'estas provincias são interiores — Amazonas, Matto Grosso, Goyaz e Minas Geraes, — e 16 maritimas — Pará, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Ceará, Parahyba, Pernambuco, Bahia, Sergipe, Alagoas, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

A sua superficie é superior á dos Estados-Unidos, que tem 8.328.000 kilometros quadrados; o Brazil mede 8.337.218, o que representa 85 p. c. da superficie de toda a Europa. A Russia da Europa com a Polonia occupa, apenas, 5.016.000 kilometros quadrados, menos de dois terços do territorio brasileiro; a vasta republica Argentina não tem mais que 2.835.008, um terço, approximadamente, da superficie do Brazil.

Algumas das suas provincias são mais vastas do que os principaes Estados da Europa: A mais pequena — Sergipe — cuja superficie mede, apenas, 39.090 kilometros quadrados, é maior que a Dinamarca, Paizes Baixos, Belgica, republicas do Haiti, San-Salvador, e muitos outros Estados. A do Amazonas, a maior, mede 1.897.000 kilometros, tres vezes e meia maior que a França ou a Alemanha.

A provincia do Amazonas divide-se em quinze municipios; cada um d'elles é, em media, maior que Portugal, Baviera, Grecia (1.379.000 k.²), Pará (1.149.000 k.²), Goyaz (747.000 k.²), Minas Geraes (574.000 k.²), Maranhão (459.000 k.²), Bahia (k.² 426.000), são, as primeiras, duas ou tres vezes tão vastas como os principaes Estados da Europa, não entrando a Russia, e a ultima é 50 por cento maior que a Italia.

Sol o ponto de vista da immigração, em 1882 o numero de individuos elevou-se a 29.197; em 1883 a 28.670; em 1884 a 20.087; em 1885 a 30.135; em 1886 a 23.741; em 1887 54.990; em 1888 a 98.495.

Em 1887 entre os immigrants havia; 14.245 italianos, 13.785 portuguezes, 2.696 hespanhoes, 1.987 allemães, 404 austriacos, 204 francezes, 282 belgas, 196 inglezes, 168 americanos e 20.930 de diversos paizes.

No mesmo anno de 1887 a immigração europea pelos portos do Rio de Janeiro, Santos, Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Bahia e Paraná, elevou-se a 34.990 individuos; em 1888, só pelos portos do Rio e de Santos, elevou-se a 131.208.

Como se vê a corrente mais pronunciada, exceptuando Italia, é a de Portugal.

O Brazil deve-nas muitos braços, muitas energias e actividades. Os portuguezes tem contribuido em todas aquellas vastas provincias, com o seu trabalho aturado e com a sua poderosa iniciativa, para o engrandecimento e civilização d'aquella parte da America. Ainda hoje, milhares de familias tem os seus destinos pesos ao torrão brasileiro, e milhares de compatriotas nossos colonizam e engrandecem a nova Republica.

Os portuguezes são para o Brazil uma classe especial de colonos, que não buscam só as cidades para exercerem a sua poderosa actividade. Vão ao norte da republica, a esta parte que mais se aproxima do equador, inhabitavel para quasi todos os europeus por causa do seu clima torrido, e ali encontram os nossos, moquejando, colonizando, alargando a sua acção commercial e agricola. Sem elles seriam completamente infructiferas todas as tentativas de colonização n'estas paragens.

A população do Brazil é computada em 14 milhões de habitantes, o que equivale a 1,67 habitantes, por kilometro quadrado, enquanto que em França a proporção é de 71 e em Italia de 100.

São grandes as diferenças do intensidade nas diferentes provincias; no municipio neutro do Rio de Janeiro, por exemplo, a população é de 291,96 habitantes por kilometro quadrado, na provincia do Amazonas é de 0,04, Ceará 9,13, Rio Grande do Norte 5,37, Parahyba 6,64, Pernambuco 8,63, Matto Grosso 0,06 Alagoas 7,85 Rio de Janeiro (provincia) 16,88, Minas Geraes 5,25, Piauí 0,88, S. Paulo 4,94, etc.

Não está bem destrinchada ainda qual é a proporção dos negros na população. Em 1872 havia recensados 1.510.000 escravos, e estatisticas davam conta de 8.429.000 homens livres; é sabido que nem todos os negros são escravos.

Segundo as ultimas indicações, póde admittir-se que nos 14 milhões de habitantes ha 2 milhões e 2 milhões e meio de negros ou mulatos. A população selvagem é computada em 600.000.

As cidades mais importantes são Rio de Janeiro com 357.332 h., Bahia 140.000, Pernambuco 130.000, Belem 40.000, S. Paulo 40.000, Porto Alegre 40.000, Maranhão 35.000, Ouro Preto 20.000.

Em 1831-1832 as rendas publicas subiam a 31 milhões e meio de francos; em 1840-1841 elevaram-se a 45 milhões e meio; em 1871-1872 atingiram 286 milhões; em 1877-1878 passaram de 344 milhões e em 1889 acham-se em 410 milhões.

A divida publica no 1.º de Janeiro de 1889 subia á cifra de 1.146.512.926 francos, sendo a divida interna de 184.663.176 e a divida externa de 961.849.750.

As despesas, segundo o orçamento para 1890, elevam-se a 378.049.300.

Quanto á instrucção, actualmente, o numero de escolas primarias, publicas e particulares, em toda a republica não é inferior a 7.500, frequentadas por 300.000 creanças. O ensino primario é gratuito.

O ensino secundario official em 1882 tinha em todo o Brazil (exceptuando a capital) 292 estabelecimentos, com 1.228 cadeiras e 10.427 alumnos; a par de numerosos estabelecimentos de ensino particular. N'estas escolas dá-se grande importancia ao ensino das linguas vivas.

Os principaes estabelecimentos de ensino superior são: duas faculdades de direito em S. Paulo e Recife; duas faculdades de medicina no Rio de Janeiro e Bahia; a Escola Polytechnica no Rio de Janeiro, e a Escola de minas em Ouro Preto.

A produção do ouro

A extracção do ouro deve dar para 1889 um total de 500 a 525 milhões de francos. As maiores quantidades são produzidas nos Estados-Unidos, comen-

çando pelas minas da California e da Colombia; na America do Sul, pelos Estados do Brazil, do Mexico, de Venezuela e da Republica Argentina. Depois vem o Canada, a Australia e as Indias, que devem ter produzido no anno findo cerca de 3.230.000 francos. Da Africa austral, cuja riqueza é bem conhecida e onde a especulação se eleva cada vez mais, as exportações de ouro tem subido successivamente, em 1886, a 1.738.575 francos; em 1887, a 3.230.350 francos; em 1888, a 5.899.250 francos; e em 1889, segundo as previsões, podem ser avaliadas em 18.750.000 francos.

A imprensa nacional

Os rendimentos da imprensa nacional e *Diario do Governo*, tem sido os seguintes nos annos abaixo indicados:

1877-78, contos de réis.....	163
1878-79 — — — — —	186
1879-80 — — — — —	173
1880-81 — — — — —	210
1881-82 — — — — —	198
1882-83 — — — — —	196
1883-84 — — — — —	233
1884-85 — — — — —	188
1885-86 — — — — —	176
1886-87 — — — — —	212

E as despesas?

Para 1889-90 foram calculadas as seguintes:

Administração.....	7.046\$000
Officinas — ferias.....	98.000\$000
— papel, material, etc.	86.500\$000
<i>Diario do Governo</i>	18.180\$000
Diversas despesas.....	2.620\$000

Total, réis..... 222.346\$000

Para este mesmo anno de 1889-90 as receitas são calculadas em 232 contos. Se as receitas chegarem a esta verba, e as despesas não augmentarem, haverá um lucro de 10 contos de réis.

Estatística dos jornaes

Encontramos no *Livre* de 18 de agosto ultimo alguns apontamentos sobre a Estatistica dos jornaes do mundo. O paiz da Europa que está em primeiro lugar pelo numero de periodicos que edita é a Alemanha (3.500, sendo 800 quotidianos); depois a Inglaterra (3.000, sendo 809 quotidianos); a França (2.819, sendo 700 quotidianos); a Italia (1.400, sendo 170 quotidianos); a Austria-Hungria (1.200, sendo 150 quotidianos); a Hespanha (850, sendo um terço periodicos); Russia (800); a Suissa (450), etc. O total dos jornaes impressos na Europa é de 20.000. A Asia conta 3.000 publicações periodicas, sendo a maior parte do Japão e das Indias inglezas. Publicam-se 200 em Africa. A imprensa europea fica bem atraz da America. Os Estados-Unidos publicam 12.500 jornaes; o Canada 700. E' grande tambem o numero de periodicos australianos. Segundo os calculos da estatistica deve existir um jornal para 82.600 pessoas.

PARIS

30, RUE MONTMOLON, 30

GRAND-HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Opera, das principaes estações de estradas de ferro, dos boulevards e das casas commercaes brasileiras e portuguezas. Este hotel é dirigido pelo proprietario e sua familia. E' o mais concorrido e preferido pelos viajantes brasileiros e portuguezes, em razão da modicidade do preço e das comodidades que offerece.

LAPIERRE

As doenças do estomago e digestões difficíes tratadas pelo ELIZIR GREZ são curadas em muito poucos dias, o que explica o immenso successo d'este preparado empregado nos hospitais e receitado quotidianamente por todos os medicos.

PARFUMERIA MEDICIS Essencias, sabo-nettes, pós, etc., OGER, 6, Boulevard de Strasbourg, Paris.

SUSPENSÓRIOS MILLERET, elasticos e sem passadores. Le Gonidec, 49, r. J.-J.-Rousseau, Pa. is.

A produção do ferro bruto no globo

O jornal inglês *Ironmonger* dá sobre a produção do ferro bruto, em 1886 e 1887, as cifras seguintes:

Paiz	1886	1887
Inglaterra	7.441.027	6.876.055
Estados Unidos	6.417.138	5.533.858
d'America	6.417.138	5.533.858
Allemanha	3.903.669	3.348.538
Francia	1.610.831	1.509.830
Belgica	750.000	700.000
Austria-Hungria	443.457	484.737
Russia	180.000	150.725
Suecia	180.000	150.725
Hespanha	180.000	150.725

TOTAL... 21.944.098 20.085.726

A adição total é em 1887 de 9,54 por 100 sobre 1886, e por cada paiz de produção:

De	8,3	por 100 na Inglaterra, Escocia.
13,0	—	Estados Unidos d'America.
10,75	—	Allemanha.
6,8	—	Francia.
7,6	—	Belgica.
8,0	—	Austria-Hungria.
4,36	—	Russia.
13,0	—	Hespanha.

A Suécia apresenta uma diminuição de 4,79 por 100.

Os nossos hospitais

Os nossos hospitais offerecem em geral muitos motivos de curiosidade. Pella maneira por que em alguns ainda se gasta o dinheiro, fica-se duvidando se n'elles se tratam pela medicina os enfermos.

Applica-se tal parte dos rendimentos nas rezas, que parece serem estas os medicamentos que se ministram aos doentes.

Vejamus, por exemplo, o que custa o culto religioso no hospital das Caldas da Rainha.

E' o seguinte:

1 vigario	280.000
2 capellães	540.000
1 capellão por organista	1.608.000
1 organista	71.000
2 cantores	120.000
1 sacristão	880.000
1 sacristão por alcaide	208.000
1 folleiro	74.000
Guizamentos, com, festividades	582.000

TOTAL... 2.140.000

Agora vejamos o que o mesmo hospital gasta com os medicos, e com a pharmacia:

1 medico por 2508	2508.000
1 medico por 250	250.000
1 cirurgião por 200	200.000
1 medico por 2989	2989.000
1 boticario por 3005	3005.000
1 ajudante por 1468	1468.000
1 medico por 8786	8786.000
Expedito, drogas e utensilios da botica	500.000
Medicamentos para os pobres	700.000

TOTAL... 1.833.500

Comparando as duas verbas de despesa achamos:

Para as drogas e drogarias mysticas	2.140.500
Para os medicos e drogas pharmaceuticas	1.833.500
A favor do tratamento mystico	307.000

Por força que no hospital das Caldas da Rainha quem trata principalmente os doentes são o sr. vigario, os srs. capellães, o sr. organista, os srs. cantores, os srs. sacristãos, e o sr. folleiro. Que curandeiro, ha-de ser o sr. folleiro!

E' de saber-se que o hospital das Caldas da Rainha, que gasta 2.140.500 réis em mysticidades, apenas tem um rendimento de 115.000 réis, e

vive principalmente d'um subsidio de 16.800.000 réis pago pelas cofres publicos.

Muito bem empregam os cofres publicos o seu dinheiro!

(Do Seculo).

Estatistica policial

Durante o anno de 1888 effectuaram-se em Lisboa 12.368 prisões, mais 2.381 do que em 1887. D'essas prisões, 3.543 foram motivadas por offensas corporaes; 2.548 por embriaguez; 1.699 por desobediencia; 843 por ferimentos; 722 por ultrage á moral; 579 por furto; 482 por vadiagem; 204 por injurias á auctoridade; 181 por simples injurias; 131 por ultrage publico ao pudor; 149 resistencias; 144 parte d'armas; 111 provocações; 109 burlas; 106 abusos de confiança; 20 por falta de respeito á religião, etc.

Como é natural, o maior numero dos presos são naturaes de Lisboa, que deu um contingente de 5.139, seguindo-se a Hespanha com 1.168.

Coimbra deu 992 delinquentes; Vizeu 687; Aveiro 691; Faro 422; Santarém 421; Leiria 376; Vianna do Castello 356; Braga 316. O numero dos delinquentes de outras terras vai decrescendo até chegar a Ponta Delgada, que deu 18 criminosos.

2.417 dos presos eram casados, 9.345 solteiros, 562 viúvos e 14 não declararam estado. D'elles, ainda, 2.577 tinham de 20 a 25 annos, a idade turbalenta e irrequieta; 2.190, de 25 a 30 annos; 1.389 de 30 a 35; 1.241 de 35 a 40.

O maior numero de delinquentes foram trabalhadores; no entanto, todas as classes sociais deram representantes para os calabouços da policia, incluindo 13 advogados, 1 dentista, 79 empregados publicos de varias categorias, a guarda-dias, 3 jornalistas, 103 militares, 1 pharmaceutico, 8 professores, 68 proprietarios, etc.

Do numero total dos presos, 1.632 pertencem ao sexo feminino.

A policia effectuou 999 prisões; a municipal 1.737, e diversas auctoridades 640.

AS NOSSAS CAPAS

Como nas mais antigas, ALLIED PRESS, no fim de cada volume, põe á disposição dos srs. assignantes magnificas capas vermelhas, ESTYLO RENASCENÇA, com impressões a preto e a ouro. Essas capas para encadernar o 6.º anno da nossa revista, estão á disposição de todos quantos do requizitem, nos escriptorios da COMPANHIA NACIONAL EDITORA, 42, rua da Atalaya, em Lisboa, e nos do Sr. JOSE DE MELLO, 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro, nossos agentes geraes em Portugal e Brazil.

PREÇO DAS NOSSAS CAPAS NO PORTUGAL:

LISBOA, 800 réis. — PROVINCIAS, 870

Interessante Descoberta Parisiense
DA PARFUMERIE-ORIZA
de L. LEGRAND, 207, Rue St-Marc, PARIS

PERFUMES-ORIZA SOLIDIFICADOS
12 PERFUMES
officinaes
Sem forma de Lapis
o Pastilhas

Basta esfregar levemente os objectos para perfumal-os instantaneamente.

LISTA DOS PERFUMES CONHECIDOS:

VIOLETTE DU CZAR.	JOCKEY-CLUB
JASMIN D'ESPAGNE.	OPORONK
HELIOTROPE BLANC.	CAROLINE
LILAS DENAI.	MIGNAROSE
POIN COUPÉ.	INCHIRIDGE
ORIZA LYS.	ORIZA-DERRY

DESCONFIEZ DAS FALSYFICAÇÕES

A venda em Portugal em Oriza se acham em Pariz e em O. de L. de L.

T. JONES
23, Boul' des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
de Parfumeria Inglesa
EXTRA-TINA

Extracões compostas

IMPERIAL ROSSE

ES. OUSQUET

VICTORIA

CAPRICE

CAVRE

RENET

UNION

etc.

T. JONES
23, Boul' des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
de Parfumeria Inglesa
EXTRA-TINA

Fluide Latif
Prodotto sem igual para amaciar e prescervar a pelle qualquer irritação.

La Juvenile
Po sem nenhum mistureto chimica para os cuidados do rosto adherente e lo visivel.

Lily Wash
Para o embelezamento e preservação da pele.

Latif Cream
Conservado perfeitamente em todos os climas. Superior a todos os Cold-Cream conhecidos.

Agua de Toilette Jones
Tonica e Refrigerante.

Elizir e Pasta Samohiti
Destinado a combater a dentica, limpando a pele e o maxillo.

etc.

A PASTA EPILATORIA DUSSE

Dezesseis mil annos ha que a humanidade se esmerava em remover os pelos indesejados do corpo, e a natureza deu-lhe a faculdade de os remover sem nenhum inconveniente para a pelle mais delicada. O DUSSE, descoberto e inventado por DUSSE, é a mais perfeita e mais segura maneira de remover os pelos indesejados do corpo, e a mais segura e mais eficaz maneira de remover os pelos indesejados do corpo, e a mais segura e mais eficaz maneira de remover os pelos indesejados do corpo.

Le Gérant: P. Mouilliet.

PARIS. — IMPRIMERIE DE P. MOUILLET, 13, QUAI VOTTAIRE.